



## Sumário

INTRODUÇÃO .....	13
1. A INFÂNCIA EM FRANCA .....	21
2. CASERNA, BOFETÕES E BOEMIA: A VIDA AGITADA EM UMA SÃO PAULO RACISTA .....	39
3. RIO DE JANEIRO: ESCOLA DE SAMBA, CANDOMBLÉ E VIDA INTELECTUAL INTENSA .....	51
4. SANTA HERMANDAD ORQUÍDEA E AS VIAGENS NA DIREÇÃO DOS SONHOS .....	61
5. O TEATRO EXPERIMENTAL DO NEGRO – O NEGRO NA CENA BRASILEIRA .....	67
6. EXÍLIO: PINTURAS, EXPOSIÇÕES, AULAS E... ..	95

7. A MILITÂNCIA PAN-AFRICANISTA .....	105
8. DE VOLTA PRA CASA: IPEAFRO E PDT .....	117
9. PALMARES, ORIXÁS, ORUN E OUTROS TEMAS TRANSCENDENTES .....	125
10. HOMENAGENS A UM "NEGRO DESAFORADO" .....	137
CONCLUSÃO – O <i>ANGELUS NOVUS</i> .....	145
BIBLIOGRAFIA .....	11
OBRAS SELECIONADAS DE ABDIAS NASCIMENTO .....	153
APÊNDICES	
I. Depois de muito tempo, finalmente na revista <i>Raça</i> ■	159
II. MV Bill e Abdias Nascimento ■	163

## A ESPERANÇA, O HOMEM

*Da cabeceira do rio  
as águas viajantes  
não desistem do  
Percurso. Sonham.  
[...]*

*O barco espera,  
o sábio contemplativo  
aguarda.  
O homem não se curva  
ao peso de qualquer lenho.  
Sonha.  
[...]*

*E que venham todas as secas  
o homem esperançoso  
há de vencer.  
[...]*

(Evaristo, 2009, p. 53)





## Introdução

Aquela era a primeira de várias tardes em que, muito gentil e afetivamente, o professor Abdias Nascimento<sup>1</sup>, sua esposa Elisa e por vezes também o filho Osiris me receberiam em casa. Eu aceitara com entusiasmo e me sentia sinceramente honrada com o convite, feito pela Selo Negro Edições, para produzir uma biografia do professor Abdias. “Vou lhe dizer uma coisa. Estou apreensivo com a possibilidade de não conseguir te ajudar a concluir essa biografia”, me confessava, às vezes, o professor com a voz bastante tênue, reclamando de um cansaço enorme, em decorrência da falta de saúde. Além do pouco alcance da voz, me chamavam a atenção, sobretudo, os olhos de Abdias. Às vezes, estes expressavam, de fato, grande fadiga, com as pálpebras parecendo pesar sobremaneira sobre eles.

Eu me esforçava para não me comover mais do que o razoável, o que em algumas ocasiões era muito difícil. Até

---

1. O biografado é citado e conhecido também como Abdias do Nascimento.

porque, para quem vem acompanhando sua trajetória multifacetada, não é lá muito simples esconder uma ponta de revolta contra a ordem natural das coisas. Não era fácil para mim, por exemplo, acostumada a escutar tantas vezes a voz, o brado, de Abdias se insurgir vigoroso – no plenário, nos palanques, nos palcos, nas salas de conferência –, ver sua voz ansiar por um pouco mais de fôlego para se lançar no ar, impondo-se ao burburinho de uma conversa que reunia quase sempre nós dois, mas na hora do almoço podia, de vez em quando, incluir outras visitas.

“Orixás”, pensava naquelas ocasiões específicas, “este homem valeu-se de todas as suas múltiplas potencialidades para lutar em tantas frentes, tão bravamente. E desde sempre! Deem-lhe mais vigor, mantenham suas forças”, pedia eu, às vezes, em silêncio. Espirituoso, perspicaz, o professor desmontou várias vezes (mesmo sem sabê-lo) esse meu desconforto, essa minha ponta de tristeza, com tiradas ótimas e com grande espontaneidade.

Em um desses almoços, o papo se voltaria para o tema da intolerância religiosa, que vem mobilizando fiéis, sacerdotes e militantes dos cultos afro-brasileiros no Brasil da atualidade. Para responder à violência que vêm sofrendo os terreiros de umbanda e candomblé, sobretudo por membros de igrejas evangélicas, os militantes negros estão se articulando de várias maneiras: discutindo estratégias, realizando atos de repúdio. Em suma, agindo politicamente para, séculos depois, voltar a frear um processo de repressão, que (embora com outras características) data do período colonial. Portanto, o fenômeno está longe de ser contemporâneo.

A conversa seguia em torno desse tema, desembocando, em dado momento, nas representações do orixá Exu, frequente e equivocadamente identificado com o demônio, em virtude da “interpretação” feita pelo viés da cultura judaico-cristã. O assunto corria solto pela mesa, entre uma garfada e outra, entre um gole e outro de suco, vinho e uma cervejinha gelada. Até que, quando se falava dessas semelhanças forjadas entre o orixá da comunicação e o “anjo mau” da crença cristã, Abdias saiu-se com esta: “Bom, já que estamos sob o signo do demônio, sob a égide do diabo, deixe-me cometer logo uns pecados”. Pediu uma cervejinha e serviu-se dos deliciosos quitutes.

No final de outro desses almoços, quando estava retirando da bolsa o meu gravador para iniciarmos nossa conversa de forma mais sistematizada, vi o professor se servir de uma taça de vinho grego. Achei curioso. Das vezes anteriores, eu o via pedir quase sempre “uma cervejinha”. Naquela tarde, Abdias começaria nossa conversa com um lamento. “Já não me lembro com precisão das coisas”, dizia, entre triste e decepcionado, reclamando das vezes em que os lapsos de memória atrasavam um pouco suas respostas, ou o deixavam na mão, de fato. Nos nossos encontros, essa cena se repetiria algumas vezes. Surpreendentemente, entretanto, no momento seguinte, Abdias mostrava como suas habilidades intelectuais – entre elas a de manejar o profundo conhecimento sobre as coisas da África e sua história – mantinham-se preservadas, como partes vívidas de sua identidade.

Eu estava convivendo com um homem excepcional, me certificaria, à medida que nossos encontros para a produção deste livro dele me aproximavam. Passadas tantas décadas desde a

sua saída de Franca, aos 15 anos de idade, Abdias tanto realizou em favor de sua gente (no Brasil e fora dele) que chegou aos 95 anos, comemorados em 2009, sem que se encontrasse no país outro militante e intelectual negro capaz de suscitar tamanha reverência, de desfrutar de tão intenso respeito entre seus pares, que tenha protagonizado tantas ações pautadas na fidelidade aos mesmos princípios.

Com o perdão dos vários e importantes ativistas devotados a causas sociais com os quais Abdias se irmana neste país tão desigual – entendam-se por “seus pares” os militantes da causa negra, aqueles que atuam no combate ao racismo, sobretudo no Brasil, mas também nos demais países da diáspora<sup>2</sup>. “Enquanto houver um descendente africano nessa situação de pobreza, de miséria e de opressão”, disse-me Abdias, “eu me sinto atingido, pois o racismo não é uma coisa pessoal, e sim coletiva. Essa situação, nos Estados Unidos, na África ou em qualquer parte do mundo me preocupa e me angustia da mesma forma como se fosse no Brasil.”

Dramaturgo, ator, acadêmico, político, artista plástico, poeta, Abdias pertence à elite dos grandes intelectuais engajados nas lutas libertárias dos negros em âmbito mundial. Lutas que resultaram no movimento pan-africanista, cujo embrião encontrava-se na Revolta do Haiti, em 1804, estendendo-se

---

2. O sentido da palavra “diáspora” assumido aqui é o explicitado por Elisa Larkin Nascimento (2003, p. 27): o “de dispersão geográfica de um povo que, mesmo espalhado pelo mundo em novas condições sociais e históricas, mantém o elo com sua origem e sua identidade originária. No caso dos povos africanos, não se refere apenas ao processo escravista, mas também a momentos anteriores em que a dispersão se dava num contexto de soberania e liberdade”.

aos embates em torno da descolonização dos povos africanos (cujas ressonâncias chegavam à militância negra brasileira, nos anos 1960 e 1970, de forma contundente).

Depois de incorporar, com seu olhar político específico e suas convicções ideológicas, a experiência brasileira ao multifacetado pensamento pan-africanista – constituído, na verdade, de várias e por vezes conflitantes vertentes –, Abdias ganhou destaque inigualável. Seu nome figura ao lado de Martin Luther King, Angela Davis, Aimé Césaire, Toussaint Louverture, entre várias outras grandes lideranças afrodescendentes que vêm marcando a história e fazendo ecoar a luta negra, em âmbito internacional, de forma eloquente. Seja no seu discurso memorialista, seja pesquisando outras fontes de consulta, não foram poucas as ocasiões nas quais a alma potencialmente revolucionária de Abdias se apresentaria como fadada a aceitar sempre novos desafios, a comprar muitas outras brigas: “Eu não vim para trazer a calma das almas mortas, das inteligências petrificadas, dos que não querem fazer onda à flor das águas. [...] Eu estava mesmo disposto a assumir o papel de ‘boi de piranha’. Todo mundo foge desse papel, mas eu não me importo. Se eu for sacrificado em nome do meu povo, estou recompensado de tudo. Toda a minha vida é isso mesmo, é o que indica toda a minha biografia”.

Seria pretensão, fantasia, inocência nossa, tentar comprimir nas páginas deste livro todas as facetas e histórias de vida de uma personalidade existencialmente tão rica como a de Abdias Nascimento. Com modéstia, assumimos que nossa intenção é apresentar ao leitor os principais momentos da longa trajetória de um intelectual que vem dedicando o tempo que

lhe foi dado a combater – de modo incansável – o racismo, “a forma assumida pela opressão que mantém na miséria milhões de africanos e afrodescendentes em todo o planeta”, segundo ele define. Esperamos tê-lo conseguido.

O personagem desta narrativa traz em si, antecipamos ao leitor, a alma genuína do *Homo politicus*. Trata-se, portanto, de alguém ferrenhamente ligado ao sentido primeiro da palavra “política”, dado pelos estudos de etimologia. Abdias respira e dedicou sua vida às coisas da *polis*, às causas públicas, às lutas dos oprimidos. À causa negra sobretudo. Nonagenário, ainda provoca – estimula, revigora, desafia – de forma contundente, como é próprio dos intelectuais engajados, o debate sobre as questões raciais na sociedade civil organizada. Mostra saídas, exige respostas. Isso numa época em que os intelectuais vêm sendo apontados como ausentes da vida pública, acomodados nos centros de pesquisa e laboratórios das universidades.

Certa feita, enquanto conversava com o professor Abdias em sua casa, ele me disse, referindo-se à sua vida política: “Conchavei muito”. O tom era quase confidencial, e um silêncio reflexivo seguiu-se àquela frase dita em voz baixa. Na semana seguinte, observando algumas fotos do ativista, pude dimensionar a envergadura daquela figura pública. O sul-africano Nelson Mandela e os brasileiros Leonel Brizola e Darcy Ribeiro foram, entre vários outros – e cada um a seu modo e em momentos diversos –, parceiros de lutas, de resistência, de utopias.

Abdias nasceu negro e pobre, no início do século passado, na provinciana cidade de Franca, no interior paulista. Ainda bem jovem, chegaria, cheio de sonhos, a uma pauliceia em

plena efervescência revolucionária dos anos 1930. Lutaria na Revolução Constitucionalista de 1932, assim como viria a enfrentar, com a mesma coragem, os conflitos raciais na São Paulo daquela década.

Espirituoso, bem-humorado, irrequieto, na juventude Abdias não foi um ativista em tempo integral. Foi também o jovem boêmio das mesas de bar regadas a poesia de um Rio de Janeiro de outrora. De lá saiu para subir os Andes, na companhia de outros jovens poetas, numa fase mais aventureira. Na viagem, passaria por uma experiência – tão traumática quanto salutar – que mudaria para sempre sua vida.

Na volta a seu país, um Abdias menos “romântico” e “aventureiro” (e de novo politicamente atuante e engajado) foi mantido preso injustamente na penitenciária de Carandiru, onde cria o Teatro do Sentenciado. Ao recuperar a liberdade, o passo seguinte foi erguer um de seus projetos político-culturais mais ousados: o Teatro Experimental do Negro. A iniciativa, longe de limitar-se a levar negros aos palcos brasileiros, envolveu uma série de projetos e atividades destinados a elevar a autoestima, a escolaridade e a conscientização da população negra do país – empregadas domésticas, estivadores, uma gente humilde e desprestigiada que, pelas mãos de Abdias, passou a pisar em espaços nunca dantes adentrados.

Os poderosos e reacionários contra-atacariam. De forma que Abdias Nascimento, em 1968, foi obrigado a partir para o exílio. Uma vida acadêmica e artística intensa e bem-sucedida seria construída nos Estados Unidos, onde o intelectual afro-brasileiro passaria a conviver com líderes do movimento negro norte-americano, naqueles conturbados anos de 1970. De lá, as

conferências, viagens e vários compromissos políticos o aproximariam definitivamente da África e de seus ativistas mais célebres.

Na década de 1980, o retorno a um Brasil em plena redemocratização, a criação de um centro de pesquisas voltado para os problemas da população negra e uma intensa vida política, com passagens pela Câmara e pelo Senado do país, também foram “estágios” de sua trajetória.

Traçado o roteiro desse percurso, convidamos o leitor a ingressar como nosso parceiro nessa viagem. Nosso objetivo é compartilhar uma história de vida coletivamente significativa. Mas não apenas para os “irmãos de raça” de Abdias, é bom que se frise, e sim para todos os que desejem conhecer aspectos da história de seu país, narrados por uma voz bastante singular.

Diferentemente dos relatos historiográficos que apresentam de forma grandiosa os feitos “monumentais” de homens ligados às elites do país e às coisas da oficialidade, Abdias Nascimento nos convoca à escuta atenciosa de um filho das classes mais pobres, marcado por inúmeros sofrimentos, mas também por histórias de superação e grandeza. Revela-nos aspectos da sociedade do país do ponto de vista de alguém que se embrenhou nos círculos do poder, como um quilombola: destemor, astúcia e inteligência a serviço de uma causa libertária. Um relato referencial para os que desejam tornar a sociedade brasileira mais plural, mais justa e igualitária.



1.

## **A infância em Franca**

Abdias Nascimento nasceu em 14 de março de 1914 em uma família muito pobre, na cidade de Franca, interior de São Paulo, onde costumava caminhar descalço, pisando no solo sobre o qual, não muito tempo antes, se locomovia “à escravaria”. O antigo Arraial de Capim Mimoso, situado entre os rios Grande e Sapucaí Mirim, na rota de gado dirigido ao sertão de Mato Grosso, tinha o clima arejado em virtude dos mais de mil metros de altitude em que estava situado e da rica vegetação. Em 29 de agosto de 1805, ganharia o nome de Freguesia de Nossa Senhora de Franca e Rio Pardo, sendo alçado à condição de entreposto em razão dos negócios agropecuários que ali se realizavam. O nome foi uma homenagem ao governador da capitania, Antônio José da Franca e Horta. Em 1824, passaria a ser denominada Vila Franca do Imperador para, em 1839, passar a Comarca de Franca. Precisamente no dia 24 de abril de 1856, a Comarca de Franca é elevada à categoria de cidade e em 1889, por votação da Câmara Municipal, passa a ser denominada simplesmente Franca.